

DESCAMUFLAR A PALAVRA, PARIR A POESIA:

A VOZ DE CORAGEM DA POETA GALEGA LUPE GÓMEZ

Bruna Renata Bernardo Escaleira¹

DOI 10.11606/issn.1981-7169.crioula.2018.142525

PALAVRAS-CHAVE: Poesia; Literatura contemporânea; Literatura galega; Literatura feita por mulheres.

Paríchesme.

(Lupe Gómez, 2017, p. 39)

Ao abrir o mais novo livro de Lupe Gómez, *Camuflaxe*, o leitor começa, naturalmente, a empreender o processo de revelação escondido por trás da camuflagem engenhada pela poeta. Pelas letras do título cortado no papel sem imagens, entrevê-se algo atrás. Por debaixo da primeira capa, solta e frágil, há outra antagônica a ela: a reprodução de uma fotografia em preto e branco de uma mulher idosa, trajada de preto, em um ambiente rural. Forte, estável. Sem palavras. Apesar de o livro tratar da relação de Lupe com sua mãe, após sua morte em 2013, a imagem é de sua bisavó, aludindo à irrevogável relação da autora com

¹ Mestranda no Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa – FFLCH – USP.

suas raízes familiares. Em suas palavras: “É posible restaurar os soños dos nossos antepassados?/- Nacemos/e vivimos/en fontes profundas.-” (GÓMEZ, 2017, p. 83)

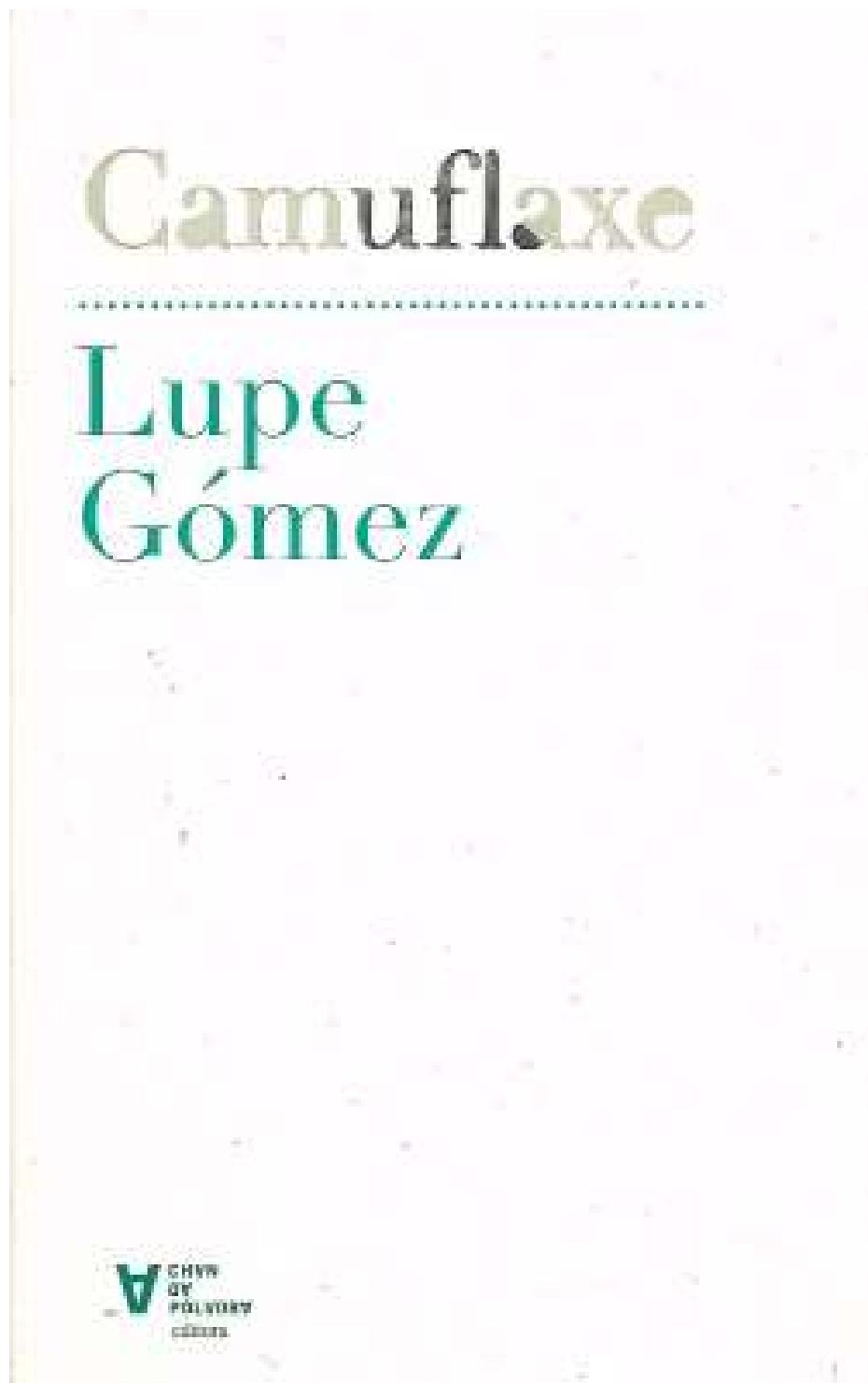


Foto da primeira capa do livro Camuflaxe



Foto da segunda capa do libro Camuflaxe

Este libro é una tentativa de restauración. Una desesperada, porém, íntegra, declaración de (re)existência de uma Galícia fisicamente em vias de extinção, mas emocionalmente presente, entrelaçada às vidas das novas gerações

urbanas, globalizadas, conectadas. A luta poética de Lupe para seguir na contemporaneidade sem abandonar suas origens transforma a simplicidade em bandeira: “O atraso económico de Galícia/ era unha forma de vangarda artística.” (GÓMES, 2017, p. 23). Talvez, a humildade da vida na aldeia onde cresceu espelhe-se no genuíno despojamento de sua poesia. Versos simples e diretos que guardam significados profundos de força sentimental brutal. “O meu ofício é guardar cousas.” (GÓMEZ, 2017, p. 81).

Uma das principais vozes da poesia galega atual, Lupe nos foi apresentada pela Professora Doutora Teresa Bermudez, da Universidade de Vigo, na disciplina “Literatura e Gênero na Literatura Galega Contemporânea”, promovida pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa no segundo semestre de 2017. A autora insere-se de forma única na “ginealogia” de escritoras galegas incessantemente rebeldes, que têm Rosalía de Castro como “nai (mãe) de tinta”, Xohana Torres como grande referência no século XX e inúmeras “irmãs” na explosão da escrita feminista a partir do final dos anos 1980. Apesar de carregar traços centrais comuns a essa tradição literária, como a escrita do corpo e a subversão, sua obra diferencia-se de suas contemporâneas por reivindicar novos temas e formas poéticas em vez de seguir a reescrita mitológica, tão importante para a construção de uma nova identidade “feminina” na Galícia, ou de produzir uma escrita “gagueja” que denuncia o silenciamento feminino nas suas

quebras, como fizeram muitas de suas conterrâneas.

A poesia de Lupe não gagueja, não hesita. Tem a coragem de quem sente a urgência de dizer, independente da moral ou da estética. A rusticidade da sua voz não é falta de elaboração, mas posicionamento político. Sua escrita busca ultrapassar o pudor para dizer o que se é, como se é, ainda que pareça “feio”: “Quería ver poesía/ chea de merda/ e fun esa poeta maldita/ chea de merda” (GÓMEZ, 1999, p. 61). Em *Camuflaxe*, a poeta reivindica a dignidade de ser e dizer-se não apenas para si, mas para aqueles e, principalmente, aquelas que, apesar de terem ajudado a construir as bases da nação, foram absolutamente silenciadas, banidas da história oficial e relegadas apenas à memória afetiva daqueles que as conheceram. A vida invisível das mulheres nas aldeias rurais, como sua mãe, sua avó ou sua bisavó:

Falabas co médico sen usar palabras.

Non tiñas idioma.

A Historia cortou
cun coitelo interior
a beleza dos teus beizos.

O teu mundo non existía nos mapas.

As túas entrañas eran totalmente secundarias /
[invisibles /.

(GÓMEZ, 2017, p. 37)

Dentro desse absoluto estado de invisibilidade social, o aspecto ainda mais relegado da vida das mulheres é justamente o que classifica seu gênero. O corpo, seus ciclos, a sexualidade, a reprodução, a menstruação, o parto, a maternidade: temas violentamente interditos na cultura e na literatura tradicional. É este o ponto central do livro, “cordão umbilical” que liga a autora à sua mãe, resgatando sua “ginealogia” familiar para compreendê-la e honrá-la. “Do teu corpo nasceu o meu,/ como se em mim compartises/ o mistério das pegas.” (GÓMEZ, 2017, p. 22). Afinal, como seria possível fazer poesia sobre aquela que, mais que lhe dar a vida, a pariu?

É preciso aprofundar-se, investigar esse território obscuro do não dito, não discutido, não compartilhado. Transpor os obstáculos da cultura e da língua: “Hai neve, moita neve nos campos e na lingua que falo,/ dentro do estômago político das vacas” (GÓMEZ, 2017, p. 12). Tirar, camada por camada, essa “camuflagem” que permite às mulheres circular de forma mais “segura” pela sociedade patriarcal, abdicando de sua real identidade. Despir a poética, desnudá-la. Até chegar a algo como: “Paríchesme.” (GÓMEZ, 2017, p. 39). Poema-palavra, poema-corpo em que Lupe restitui à sua mãe, como a outras mulheres, a autonomia sobre o ato mais “feminino” de todos, o ato de parir, e sua força assombrosa.

Se, para María Xosé Queizán, pensar de forma autônoma como mulher é “parir o pensamento”, Lupe Gómez

propõe o parto da poesia. Uma poesia que vem de e dialoga com suas entranhas de mulher, corpoemas que visibilizam esses temas tão escondidos, entranhados e torna-os finalmente “paridos”, materializados. Desta forma, a autora expande a estética e o discurso transgressores já tradicionais da literatura feminista galega para além dos mitos e do que circunda a condição social feminina: expande-se para dentro, aprofunda-se. Essa introspecção, no entanto, não especifica ou isola o discurso. Em vez disso, dá ouvidos a vozes esquecidas, aponta para a diversificação da enunciação. Afinal, há muitas formas de ser e de ser galega, ainda que, muitas vezes, seja preciso camuflar-se.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALTRUSCH, Burghard (ed.). *Lupe Gómez: libre e estranxeira*. Estudos e Traducións. Berlin: Frank & Timme, 2013.

GÓMEZ, Lupe. *Camuflaxe*. Santiago de Compostela: Chan da Pólvora, 2017.

_____. *Os teus dedos na miña braga con regra*. Vigo: Xerais, 1999.

QUEIZÁN, María Xosé. Parir o pensamento. In: SUÁREZ, Beatriz; MARTÍN, María Belén; FARIÑA, María Jesús (orgs.).

Escribir en femenino. Poéticas y políticas. Barcelona: Icaria, 2000, p. 103-119.

Submissão: 22/01/2018

Aceite: 05/03/2018